



CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL PARA REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS PESSOAS TRANSGÊNERAS

Carina Tomaz Pereira¹

A presente pesquisa tem como principal objetivo verificar como a Psicologia Fenomenológico-Existencial pode contribuir para reduzir a violência sofrida pelas pessoas transexuais e travestis e buscar a despatologização dessas identidades. Segundo o DSM-5, Disforia de Gênero é quando a pessoa se declara do gênero contrário ao sexo biológico. Vale ressaltar que é uma condição e não uma doença mental. O Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais e travestis do mundo. Isso reflete nossa sociedade atual com uma política ultrapassada e políticos fundamentalistas e conservadores que extirpam os direitos daqueles que transgredirem a cisheteronormatividade - padrão de comportamento hegemônico onde marginaliza e discrimina pessoas que tem orientação sexual diferente da heterossexualidade, bem como a identidade sexual diferente da cisgeneridade (pessoas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento). Para isso, realizei uma pesquisa bibliográfica de publicações já existentes que mostram estatísticas dessa violência, bem como os danos psicológicos causados e dialogamos com a Psicologia Fenomenológico-Existencial que é o referencial teórico da atuação clínica. Concluí urgência na despatologização das pessoas transgêneras para que a sociedade entenda a diversidade como constitutiva do ser humano e não psicopatologia, assim como a Psicologia Fenomenológico-Existencial provocará às pessoas violentadas novas possibilidades para seguir em frente. Muitos sofrem discriminação, inclusive da família. Não têm acesso a direitos como saúde, educação, trabalho, transitar sem sofrer violência verbal e/ou física e, até mesmo, ser assassinado. Essa discriminação gera severos danos psicológicos onde muitos entram em quadros depressivos, de ansiedade, fobias, alteração no desempenho sexual, problemas com a autoaceitação, problemas com a autoestima, podendo mutilar-se e até cometer suicídio. Acredito que expor os problemas vivenciados por essas pessoas e discutir sobre os princípios da diversidade humana, a sociedade se conscientize de que a diferença não faz referência a anormalidade ou patologia, diminuindo os estigmas. Espero que esse trabalho traga uma reflexão àqueles que nunca se sentiram oprimidas e violentadas, pois nunca fizeram parte de grupo invisibilizado. Abrir os olhos para os nossos privilégios e fazer cumprir, a todos, o exercício de gozar dos mesmos direitos civis e constitucionais que grande parte da sociedade tem acesso.

Palavras-chave: Disforia de gênero; Fenomenologia-existencial; Despatologização

¹Pesquisadora Independente, Rio de Janeiro, Brasil